

WANDERSON ALVES: LUZ E MEMÓRIA

Há uma mão que toca ao de leve numa das lâminas da persiana por onde a luz perpassa deixando-nos ver os contornos da silhueta de alguém que espreita através de uma frincha de claridade, como se fossemos subitamente chamados a participar no enigma que o acto de ver potencia. Para perceber esse enigma temos de o desvelar no modo como ele ao ocultar-se se dá a ver, tal como acontece com a fotografia, que possui uma intensa força visual que não se limita a imitar a realidade nem a representar a verdade, mas que procura sobretudo interagir com a beleza da natureza e com as coisas concretas da vida que o fotógrafo revela nos traços mais específicos, através do seu olhar cuidadoso. O conhecido psicólogo da arte alemão Rudolf Arnheim num texto particularmente interessante intitulado *On the Nature of Photography* (Critical Inquiry, 1974) teceu um conjunto de importantes considerações sobre a relação da fotografia com a técnica, o estúdio e os vários modelos e códigos que constituem o modo de produção estético da fotografia. Segundo Arnheim, existe uma relação de não espontaneidade da fotografia nos seus inícios com as suas condições técnicas. Isso deveu-se, na sua opinião, ao facto do equipamento ser demasiado pesado para capturar alguém de surpresa, já que o tempo de exposição era muito longo e daí advinha, segundo ele, aquela invejável intemporalidade das primeiras fotografias.

Vem isto a propósito do modo como o jovem fotógrafo brasileiro Wanderson Alves explora com mestria nos seus trabalhos mais recentes o sentido da imanência natural da imagem fotográfica feita de pequenas ocorrências captadas pela câmara, buscando desse modo recriar uma autoficção focada na paisagem, nas memórias de lugares e nas percepções de situações efémeras que sugerem vivências ocasionais convertidas depois pela fotografia em imagens que evocam tanto o esquecimento e a morte como a sensação de vazio e de tristeza.

É desta forma que Wanderson Alves capta a acção descontínua de uma multiplicidade de experiências que foram assimiladas através da consciência, como se o fotógrafo projectasse na imagem capturada o ténue fio de uma melancolia contemplativa de modo a reconstituir as marcas deixadas pelo tempo sobre aquilo que ele sentiu, viu e testemunhou.

Nas fotografias agora expostas na Galeria Pedro Oliveira, Wanderson Alves explora através de um subtil jogo de cintilações e contrastes a natureza simultaneamente ontológica e estética da imagem que tanto surge num registo crepuscular e romântico como num registo realista e impressionista remetendo, em ambos os casos, para uma atmosfera de *assombração* que abre a fotografia para um campo de possibilidades em que as narrativas da imaginação e do sonho ocupam um lugar de relevo.

Carlos França

Porto, setembro 2023

(O autor escreve de acordo com a antiga ortografia)